

AFETIVIDADE E VÍNCULO NO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO

AFFECTION AND BONDING IN HIGHER EDUCATION: CONTRIBUTIONS TO THE TEACHING-LEARNING PROCESS AND ACADEMIC DEVELOPMENT

Max Clayton Marques¹, Ygor Alexander Patti², Andréa Cristina Santos Rocha Gerunda³, Andressa Silva Guedes⁴,
Francisco Júlio dos Santos Lyra⁵, José Angelo Falasca⁶,

Larissa Soares Vieira⁷

Resumo: Este estudo analisa a influência do vínculo afetivo no processo de ensino-aprendizagem no ensino superior e seu reflexo no desempenho acadêmico dos alunos. Por meio de uma revisão bibliográfica, fundamentada em autores como Vygotsky, Piaget, Wallon e Bronfenbrenner, explora-se a integração entre afetividade e cognição como facilitadora do aprendizado. A análise mostra que um ambiente educativo pautado na empatia e no suporte emocional promove motivação, engajamento e adaptação acadêmica, contribuindo para a formação integral do estudante. Os resultados trazem a importância de práticas pedagógicas que priorizam o vínculo afetivo na construção de ambientes inclusivos e na superação de desafios socioeconômicos.

Palavras-chave: Vínculo afetivo; Ensino-aprendizagem; Ensino superior; Desempenho acadêmico; Relação professor-aluno

Abstract: *This study analyzes the impact of the emotional bond on the teaching-learning process in*

higher education and its impact on students' academic performance. Through a bibliographical review, based on authors such as Vygotsky, Piaget, Wallon and Bronfenbrenner, the integration between affectivity and cognition as a facilitator of learning is explored. The analysis reveals that an educational environment based on empathy and emotional support promotes motivation, engagement and academic adaptation, contributing to the student's comprehensive education. The results highlight the importance of pedagogical practices that prioritize the emotional bond in building inclusive environments and overcoming socioeconomic challenges.

Keywords: *Affective bond; Teaching-learning; Higher education; Academic performance; Teacher-student relationship*

I. INTRODUÇÃO

O ensino superior no Brasil passou e ainda passa por muitas transformações, principalmente nas

¹Professor Especialista da Psicologia do Centro Universitário ENIAC, aluno mestrando em Psicologia da Educação no Centro Universitário UNIFIEO. e-mail: max.marques@eniac.edu.br

²Professor Doutor do Centro Universitário UNIFIEO. e-mail: ygorpatti@gmail.com

³Professora especialista na área de Pedagogia, Psicopedagogia, Educação Especial e História, aluna mestranda em Psicologia da Educação no Centro Universitário UNIFIEO. e-mail: andreagerunda@gmail.com

⁴Professora especialista de língua portuguesa, espanhola e inglesa; pedagoga e aluna mestranda em Psicologia da Educação no Centro Universitário UNIFIEO. e-mail: andressaguedes2009@gmail.com

⁵Professor na área da Educação Física, Psicomotricista, aluno mestrando em Psicologia da Educação no Centro Universitário UNIFIEO. e-mail: franciscopsicomotricista@gmail.com

⁶Professor Especialista em Direitos Humanos e Segurança Pública da Academia de Polícia Civil, aluno mestrando em Psicologia da Educação no Centro Universitário UNIFIEO. e-mail: Jafalasca@yahoo.com.br

⁷Psicóloga, aluna mestranda em Psicologia da Educação no Centro Universitário UNIFIEO. e-mail: larissasoareslv@gmail.com

últimas décadas, impulsionadas por políticas públicas como o ProUni e o FIES, que ampliam o acesso às universidades. Isso para a inclusão histórica de estudantes de baixa renda, negros e mulheres, o que trouxe democratização da educação superior (FONAPRACE, 2019). Apesar disso, a inclusão não elimina os desafios estruturais enfrentados por esses discentes, como adaptação ao ambiente universitário, permanência acadêmica e superação de desigualdades socioeconômicas que afetam o desempenho e a conclusão dos cursos.

Nesse cenário, surge um problema central: criar estratégias pedagógicas que atendam à diversidade de perfis dos estudantes e que também garantam sua integração, permanência e sucesso. A interação professor-aluno é um facilitador nesse processo, já que a dimensão afetiva é muito importante para criar ambientes de aprendizagem seguros, inclusivos e eficazes. Estudos mostram que esse vínculo ajuda na motivação, no engajamento e na superação de desafios acadêmicos, por isso, é uma ferramenta para lidar com os desafios da educação superior (Pontes, 2019; Soares et al., 2021).

A partir desse contexto, este artigo busca responder à seguinte pergunta: como o vínculo afetivo entre professores e alunos no ensino superior influencia o desempenho acadêmico? Para abordar esta questão, são propostos os seguintes objetivos: (1) analisar a influência da afetividade no desempenho acadêmico; (2) identificar práticas pedagógicas que fortalecem o vínculo professor-aluno; e (3) propor diretrizes que integrem a dimensão afetiva à formação integral dos estudantes.

A metodologia adotada é uma revisão bibliográfica, fundamentada em teóricos clássicos como Vygotsky (1934), Piaget (1945), Wallon (1942) e Bronfenbrenner (1977), aliados a estudos contemporâneos sobre o tema. Foram utilizados descritores como “vínculo afetivo”, “ensino-aprendizagem” e “ensino superior” para coleta de dados em bases acadêmicas como Scielo,

Google Acadêmico e o Portal de Periódicos da CAPES.

A estrutura do artigo está organizada em cinco resumos principais. Após esta introdução, a próxima seção apresenta o perfil dos discentes no ensino superior brasileiro, destacando os desafios socioeconômicos que afetam seu percurso acadêmico. A terceira seção aborda o referencial teórico, explorando a relação entre cognição e afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Na quarta seção, são discutidas práticas pedagógicas que valorizam a dimensão afetiva no ensino superior. Finalmente, as considerações finais sintetizam os resultados do estudo e sugerem alternativas para futuras pesquisas e orientações.

Com isso, este trabalho pretende contribuir para o avanço de práticas pedagógicas que reconheçam a importância do vínculo afetivo como elemento indispensável para a formação acadêmica e pessoal no ensino superior.

II. DEFINIÇÃO DE CONCEITOS

Para a elaboração do presente artigo, foram utilizados os seguintes termos, de importante definição no contexto do estudo:

Vínculo Afetivo: Conexão emocional entre indivíduos, como entre professor e aluno, que contribui para um ambiente propício ao aprendizado e ao desenvolvimento acadêmico (Cosso, 2017).

Afetividade: Capacidade de estabelecer relações significativas permeadas por emoções e sentimentos, influenciando as interações sociais e o desenvolvimento educacional (Brazão, 2015).

Processo de Ensino-Aprendizagem: Conjunto de interações e práticas pedagógicas que possibilitam a aquisição de conhecimento; o professor atua como facilitador e o aluno como participante ativo (Freire, 2011).

Engajamento Acadêmico: Envolvimento e comprometimento do estudante nas atividades educacionais, importante para o sucesso acadêmico e desenvolvimento pessoal (Adam et al., 2019).

Motivação: Fatores intrínsecos e extrínsecos que incentivam o aluno a se dedicar ao aprendizado (Soares et al., 2014).

Relação Professor-Aluno: Conexão entre docente e discente que vai além da transmissão de conhecimento; traz um ambiente de confiança e suporte que favorece o aprendizado (Cosso, 2017).

Adaptação Acadêmica: No ensino superior a diversidade de alunos no que se refere à cultura, idade, formação, questões sociais e outras é maior do que nos níveis anteriores. A adaptação é o processo pelo qual os estudantes se ajustam às demandas do ambiente universitário, com a qualidade das relações interpessoais e as influências positivas e negativas que trazem (Soares et al., 2014).

III. REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo sobre o vínculo afetivo e sua influência no ensino-aprendizagem tem raízes na teoria educacional e psicológica; evolui com contribuições de diversos autores ao longo das décadas. Desde o início das reflexões sobre o papel da afetividade no desenvolvimento humano, pesquisadores e teóricos falaram da importância das relações interpessoais e emocionais na formação de habilidades e competências.

Jean Piaget (1945) associou a afetividade ao desenvolvimento cognitivo, afirmando que o interesse da criança por um objeto durante o processo de assimilação e acomodação cria motivação para a ação (Bronzatto & Camargo, 1969). A afetividade, segundo Piaget, é um “motor” que impulsiona o aprendizado, mostrando-se essencial no desenvolvimento de interesse e engajamento.

Lev Vygotsky (1934), ao abordar o desenvolvimento humano, tratou da relação inseparável entre afeto e cognição. Em sua teoria, pensamentos e emoções são interdependentes, e a afetividade contribui para o fluxo cognitivo e o comportamento do indivíduo. Vygotsky define o ser humano como um “ente que cogita, interpreta sua realidade e, ao mesmo tempo, possui sentimentos,

sonhos e anseios” (Rego, 2013).

Henri Wallon (1942) ampliou essa perspectiva, definindo a afetividade como o arcabouço emocional, sentimental e passional da psique humana. Segundo Wallon, a afetividade é composta por três dimensões: emoção (reações fisiológicas), sentimento (aspecto representacional) e paixão (controle de si) (Souza, Petroni & Andrada, 2013). Esses elementos formam o composto afetivo humano, essencial para a interpretação e ressignificação das experiências, o que fortalece a capacidade de aprendizagem.

Nas décadas seguintes, Urie Bronfenbrenner (1977) desenvolveu a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, na qual o afeto é visto como um componente crítico para o desenvolvimento saudável. Tratou do conceito de “processos próximos”, que seria o vínculo constante e positivo entre indivíduos e seus ambientes como oportunidades de desenvolvimento (Diniz & Koller, 2010). Esse vínculo afetivo fortalece a interação com o mundo e facilita a formação de relacionamentos profundos, uma base importante também para o contexto educacional.

Com foco específico no ensino superior, Paulo Freire (1997) teoriza sobre a importância de uma pedagogia humanista que considera a afetividade parte essencial do processo educativo. O ensino deve transcender a mera transmissão de conteúdos e envolver o aluno de forma integral, respeitando suas individualidades e necessidades emocionais. O afeto seria fundamental na criação de um ambiente educacional transformador, em que o aluno se sinta coletado e estimulado a aprender.

Na contemporaneidade, uma discussão sobre afetividade e educação ganha novas perspectivas com estudos sobre o impacto do vínculo professor-aluno na adaptação e desempenho acadêmico. Soares et al. (2014) exploraram a relação entre expectativas acadêmicas e adaptação ao ensino superior, mostrando que a interação professor-aluno e as experiências interpessoais são elementos

importantes para a adaptação dos estudantes ao ambiente universitário. A pesquisa sugere que o vínculo afetivo pode atuar como suporte, ajudando os alunos a enfrentarem desafios e se adaptar às exigências acadêmicas.

Massa e D'Ávila (2018) ampliaram essa discussão ao abordar a "mediação afetiva" no ensino superior, demonstrando que a afetividade no ambiente acadêmico promove uma aprendizagem mais integrada e facilita o enfrentamento de desafios. Esses autores apontam que a afetividade contribui para o desenvolvimento de habilidades interpessoais e para o fortalecimento da autoestima dos estudantes, aumentando a motivação para o aprendizado e o comprometimento com o curso.

Por fim, Silva e Ribeiro (2020) destacam a importância de uma relação afetiva e respeitosa no processo de ensino-aprendizagem no ensino superior. Segundo esses autores, essa relação beneficia o aprendizado e, da mesma forma, a adaptação dos alunos ao contexto universitário, favorecendo o desenvolvimento de cidadãos mais responsáveis e maduros. A afetividade é considerada uma ferramenta para a construção de um ambiente educativo saudável, no qual o professor desempenha o papel de mediador e facilitador do conhecimento, promovendo uma interação que transcende o aspecto meramente acadêmico.

Esse panorama teórico mostra que o vínculo afetivo no ensino superior enriquece a experiência acadêmica e contribui para o desenvolvimento pessoal dos estudantes, fortalecendo o engajamento e a motivação. Essa perspectiva fundamenta a relevância de investir em práticas pedagógicas que valorizem a afetividade como uma dimensão real do processo educativo.

IV. MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica sobre o impacto da afetividade no processo de ensino-aprendizagem no ensino superior, enfatizando a importância do vínculo afetivo entre

professor e aluno. Para conduzir a revisão, utilizamos descritores como "vínculo afetivo", "processo de ensino-aprendizagem" e "ensino superior". Os principais indexadores consultados foram o Portal de Periódicos da CAPES, Google Acadêmico e Scielo .

O processo de coleta e análise das informações melhorou os critérios apontados pelos autores que ressaltam a relevância da relação professor-aluno para o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos alunos. Segundo Freire (1997), uma pedagogia que incorpore a afetividade é essencial para um ambiente educativo que ultrapasse a simples transmissão de conteúdo. Em consonância com isso, Soares et al. (2014) investigaram as expectativas acadêmicas e a adaptação dos alunos ao ensino superior, destacando a importância das vivências interpessoais e do vínculo afetivo.

As referências apresentadas incluíram estudos que exploraram tanto as teorias clássicas quanto as abordagens contemporâneas sobre a afetividade no contexto educacional. Como indicam Massa e D'Ávila (2018), a afetividade no ensino superior promove uma aprendizagem mais integrada, além de facilitar o enfrentamento de desafios acadêmicos. Utilizamos essas perspectivas teóricas como base para interpretar e organizar as informações obtidas, permitindo-nos delinear os aspectos essenciais da afetividade no ensino superior e identificar práticas pedagógicas que enfatizem o vínculo professor-aluno.

O estudo conta com contribuições teóricas de diversos autores, entre eles Vygotsky (1934), que enfatizam a indissociabilidade entre cognição e afeto no desenvolvimento humano; Wallon (1942), que analisa a estrutura afetiva como base emocional e sentimental para o aprendizado; e Bronfenbrenner (1977), que destaca o papel do ambiente e das relações interpessoais no desenvolvimento do indivíduo. A partir das contribuições dessas teorias e da literatura contemporânea, este estudo busca compreender de forma mais abrangente a influência do vínculo afetivo na educação superior e fornecer

subsídios teóricos para futuras investigações e práticas pedagógicas ajustadas a essa realidade.

Ainda o uso de Inteligência Artificial para unificar ideias e conceitos dos diferentes autores do presente artigo e para inserir as referências bibliográficas, a saber, o ChatGPT e o Zotero, que serviram de ferramentas na elaboração e sistematização das citações, mas nunca na geração de conteúdo.

V. DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO AFETIVO NO ENSINO SUPERIOR

Vínculo afetivo, afetividade ou relação afetiva é a capacidade de estabelecer vínculos e relações significativas com o outro, permeadas por emoções e sentimentos, que interferem nas interações sociais e no desenvolvimento ao longo da vida (Brazão, 2015). No contexto educacional, o vínculo afetivo entre professor e aluno tem um papel determinante para a criação de um ambiente de ensino que transcende a transmissão de conteúdos e fomenta a confiança, o engajamento e o comprometimento no processo de ensino-aprendizagem (Silva & Ribeiro, 2020).

Conforme proposto por Pontes (2019), a interação entre professor e aluno no ensino superior é bastante relevante, pois se constitui como um espaço de aprendizado e crescimento que influencia a formação profissional e o desenvolvimento pessoal dos estudantes. Este vínculo afetivo está na dimensão cognitiva, e nos aspectos emocionais, que são basilares para o sucesso acadêmico. Assim, o conceito de vínculo afetivo é um elo que permite ao aluno sentir-se apoiado e seguro no ambiente acadêmico, o que contribui para uma aprendizagem relevante e significativa (Soares et al., 2021).

Essa relação entre afetividade e aprendizagem é destacada por Massa e D'Ávila (2018), que argumentam que o vínculo afetivo não só facilita a interação em sala de aula, mas serve de encontro para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e interpessoais. Quando o vínculo afetivo é

estabelecido, o estudante encontra um “porto seguro” que o encoraja a enfrentar os desafios acadêmicos e se engajar plenamente no processo de aprendizagem, mesmo diante das dificuldades.

Além disso, o vínculo afetivo no ensino superior está associado ao fortalecimento do compromisso dos alunos com o curso e com suas carreiras futuras. Silva (2019) observa que o fortalecimento da relação afetiva entre professor e aluno contribui para formar cidadãos mais responsáveis e maduros, promovendo um ambiente educacional onde o professor atua como mediador e facilitador do conhecimento de forma prática e empática. Dessa forma, o vínculo afetivo é parte importante do desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes, ajudando na transição para a vida adulta, capacidade de compreensão e crescimento intelectual.

Assim, o vínculo afetivo no ensino superior vai além da troca de informações entre professor e aluno, por isso é um aprendizado indispensável para enriquecer a experiência acadêmica. Facilita a adaptação dos estudantes ao contexto universitário, à aprendizagem mais integrada e eficaz e, sobretudo, à construção de um ambiente de valorização, empatia e respeito. Assim, o vínculo afetivo fortalece essas relações, potencializa o processo educacional e prepara os estudantes, além de ressaltar o papel do professor como mediador e facilitador na construção de um ambiente de aprendizagem eficiente.

VI. DISCENTES NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

O perfil dos discentes no ensino superior brasileiro reflete avanços na democratização do acesso e desafios de permanência e conclusão. De acordo com Pinto (2004), o número de matrículas em cursos de graduação cresceu 37 vezes entre 1960 e 2002, com posterior ampliação impulsionada por políticas públicas como o ProUni e o FIES. Dados do Inep (2023) indicam que esses programas são positivos para a inclusão social, o que se mostra pelas taxas de conclusão superiores entre seus

beneficiários em comparação com os não beneficiários.

Apesar desses avanços, os desafios estruturais permanecem. Aumentou o acesso, mas persiste um descompasso entre o número de estudantes e a faixa etária adequada, o que prejudica a adaptação ao ensino superior. O FONAPRACE (2019) destaca que mais de 70% dos discentes possuem renda familiar per capita de até 1,5 salário-mínimo, representando o maior patamar da série histórica. Esse perfil inclui uma prevalência significativa de alunos autodeclarados negros (51,2%) e do gênero feminino (54,6%), diminuindo uma inclusão de grupos historicamente marginalizados. Contudo, essas condições socioeconômicas ainda dificultam a permanência e o desempenho acadêmico.

Além dos fatores financeiros, a vulnerabilidade dos estudantes abrange exclusão social, vínculos fragilizados e desigualdades de acesso às políticas públicas. O CNAS (2004) define vulnerabilidade de forma ampla, incluindo questões como desigualdade de acesso a políticas sociais e estruturas de apoio. Nesse contexto, a gestão da assistência estudantil é uma ferramenta que ajuda a diagnosticar necessidades e a promover ações que assegurem condições de permanência e desenvolvimento acadêmico.

A análise dessas condições reforça a necessidade de um ambiente afetivo no ensino superior, que atenda às vulnerabilidades dos discentes e promova a inclusão e a equidade no desempenho e na permanência acadêmica. Como indicam os dados, os beneficiários de programas como ProUni e FIES apresentam taxas de conclusão superiores a 58% e 15% maiores, respectivamente, do que entre os não beneficiários (Inep, 2023). Tais evidências dizem que a criação de ambientes acolhedores, em que o vínculo afetivo professor-aluno possa atuar como suporte emocional, é fundamental para enfrentar os desafios que esses estudantes enfrentam ao longo de sua trajetória acadêmica.

Assim, a análise do perfil discente evidencia os

avanços obtidos por meio das políticas públicas e a importância de estratégias pedagógicas que integrem a dimensão afetiva, oferecendo suporte integral e contribuindo para a formação de cidadãos mais consolidados e seguros em sua jornada acadêmica e profissional.

VII. A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E A CONSTRUÇÃO DO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM

Diante do perfil de discentes descrito, o papel do professor como mediador e facilitador fica ainda mais relevante, principalmente no que diz respeito à construção de um ambiente de aprendizagem que valorize a dimensão afetiva. O envolvimento afetivo e a responsabilidade mútua que permeiam a interação entre aluno e professor ajudam na formação acadêmica e pessoal.

Desde os primórdios das civilizações, a figura do professor é de transformador. Inicialmente direcionado às funções religiosas e, posteriormente, evoluindo para o ensino laico e universitário (Aranha, 2006; Canfora, 2010). No ensino superior, a importância do professor vai além do conteúdo técnico, sendo um agente de transformação, na condução dos alunos pela jornada acadêmica e incentivo ao desenvolvimento da compreensão ampla de si mesmos e do mundo (Pontes, 2019).

Essa relação afetiva proporciona aos estudantes um “porto seguro” no ambiente acadêmico, encorajando-os a enfrentar os desafios e a envolvê-los plenamente no processo de aprendizagem, mesmo diante das dificuldades. Segundo Massa e D'Ávila (2018), a "mediação afetiva" desempenhada pelos professores no ensino superior cria um ambiente acolhedor e estimulante, que favorece a participação ativa e a dedicação dos alunos.

Além disso, o professor promove a igualdade e a inclusão, contribui para um ambiente de respeito, diálogo e empatia. Em um cenário de diversidade crescente e de acesso ampliado, conforme descrito na

seção anterior, o professor age como mediador no espaço de aprendizagem plural, respeitando as diferenças e oferecendo suporte emocional para que os mais vulneráveis sejam capazes de alcançar seus objetivos acadêmicos (UNESCO, 2020).

É por isso que a relação entre professor e aluno não se limita à dimensão acadêmica, mas está ligada à formação de cidadãos éticos, responsáveis e resilientes, preparados para a vida atual. Esses vínculos afetivos no ambiente acadêmico promovem o desempenho acadêmico e prepara os alunos para a sociedade, fortalecendo suas habilidades emocionais e intelectuais.

VIII. AFETIVIDADE COMO ELEMENTO DO PROCESSO COGNITIVO E INTERPESSOAL

A afetividade, definida como a capacidade de um indivíduo experimentar e expressar emoções e sentimento em relação ao outro, é o aspecto trabalhado na seção anterior e que está no centro do desenvolvimento cognitivo e nas interações interpessoais no contexto educacional. A relação entre afeto e cognição está em várias teorias como um processo indissociável, no qual sentimentos e raciocínios trabalham juntos para reflexão sobre o aprendizado e o desenvolvimento humano. Para Vygotsky (1934), os pensamentos são inseparáveis dos afetos, e essa simbiose entre cognição e emoção é o que possibilita a expressão plena do comportamento humano e a capacidade de interpretar a realidade de forma completa e integrada (Rego, 2013).

Na concepção de Henri Wallon (1942), a afetividade configura o "arcabouço emocional" da psique humana, composta por emoção, sentimento e paixão. Wallon entende que essas dimensões abordam as reações e o desenvolvimento das funções cognitivas, criando uma base emocional para que o aluno possa absorver e processar o conhecimento. A emoção, em especial, está ligada às reações fisiológicas que ocorrem no aprendizado, enquanto o

sentimento envolve a representacional e a paixão remete ao autocontrole, compondo uma estrutura afetiva que sustenta o desenvolvimento cognitivo e interpessoal (Souza, Petroni & Andrada, 2013).

Jean Piaget (1945), por sua vez, considera a afetividade um "motor" para a ação e um impulsionador do interesse pelo objeto de estudo. Esse interesse leva à motivação, impulso para que uma criança ou o aluno universitário busque entender, absorver e transformar a informação em conhecimento próprio. Para Piaget, a afetividade surge do interesse e da curiosidade, sendo o combustível que alimenta a interação com o objeto de estudo e torna o aprendizado um processo significativo e interativo (Bronzatto & Camargo, 1969).

A perspectiva de Urie Bronfenbrenner (1977), que explora a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, trata da afetividade como parte dos "processos próximos", ou seja, as interações regulares e rigorosas que o indivíduo estabelece com seu ambiente. Esses processos são fundamentais para que o desenvolvimento ocorra de forma saudável, tanto em termos cognitivos quanto interpessoais, fortalecendo a capacidade do aluno de formar relacionamentos e interagir de maneira significativa no ambiente educacional (Diniz & Koller, 2010).

Esses autores, embora com abordagens distintas, acompanham a visão de que a afetividade é necessária para a formação de uma mente equilibrada, na qual cognição e emoção trabalham em conjunto em prol do aprendizado. Barbosa (2020) argumenta que o vínculo afetivo entre professor e aluno proporciona um ambiente de confiança que estimula a curiosidade e o desejo de aprender, ao mesmo tempo que fornece suporte emocional para enfrentar os desafios acadêmicos.

Assim, a afetividade é importante para o desenvolvimento cognitivo e para a construção de relações interpessoais sólidas no ensino superior. Quando o ambiente educacional valoriza e promove

a afetividade, a interação entre professor e aluno é enriquecida, resultando em um processo de ensino-aprendizagem mais completo e eficaz.

IX. INFLUÊNCIA DO VÍNCULO AFETIVO NO ENGAJAMENTO E DESEMPENHO ACADÊMICO

O vínculo afetivo entre professor e aluno no ensino superior é um elemento-chave para o engajamento e o desempenho acadêmico. Cria um ambiente de confiança e suporte emocional, facilitador para que os estudantes se sintam motivados e capazes de enfrentar os desafios do ensino superior (Cosso, 2017). Essa relação fortalece tanto o desenvolvimento cognitivo quanto a resiliência emocional dos alunos, facilitando sua adaptação e comprometimento com os estudos.

A afetividade, ao promover um ambiente propício ao aprendizado, estimula a concentração e o interesse do aluno, fatores que estão ligados ao desempenho acadêmico. Os alunos que percebem suporte e incentivo por parte de seus professores demonstram maior persistência diante de dificuldades, aprimoram sua organização e desenvolvem habilidades críticas e autônomas (Massa & D'Ávila, 2018; Soares et al., 2014).

Além disso, a motivação dos estudantes é amplificada em contextos em que a afetividade e a empatia permeiam as interações. Um vínculo sólido impulsiona o aprendizado e ajuda na formação de cidadãos responsáveis e preparados para lidar com desafios acadêmicos e profissionais (Silva, 2019).

Portanto, a relação professor-aluno baseada na afetividade transcende a transmissão de conteúdo, tornando-se um pilar para o processo educativo. Esse vínculo melhora o desempenho acadêmico, o desenvolvimento pessoal e a retenção do conhecimento, elementos necessários para o sucesso no ensino superior.

X. DISCUSSÃO E RESULTADOS

O presente estudo analisa a relevância do

vínculo afetivo entre professores e alunos no ensino superior, destacando sua repercussão no desempenho acadêmico, na motivação e na adaptação dos estudantes. Embora as teorias clássicas de Vygotsky, Piaget, Wallon e Bronfenbrenner apresentem bases para compreender a relação entre cognição e afetividade, é preciso discutir como essas abordagens se aplicam, ou falham em se aplicar, ao contexto contemporâneo.

Reflexão Crítica sobre as Teorias Aplicadas: Os escritos de Piaget (1945) e Wallon (1942) tratam a afetividade como um elemento intrínseco ao desenvolvimento cognitivo, mas suas propostas foram concebidas em um contexto em que o ensino superior não enfrentava os desafios atuais de massificação, diversificação e digitalização. Embora Piaget enfatize o interesse do aluno como motor do aprendizado, essa perspectiva pode ser limitada em um cenário no qual dificuldades financeiras e emocionais que inibem esse interesse. Wallon, ao destacar o papel das emoções como sustentação para o aprendizado, oferece contribuições relevantes, mas não aborda suficientemente como lidar com a instabilidade emocional crescente em um contexto marcado por altos índices de ansiedade e depressão entre universitários (Soares et al., 2021).

Vygotsky (1934), com sua abordagem sociocultural, apresenta uma visão mais abrangente ao integrar o ambiente social ao desenvolvimento cognitivo, mas suas ideias não contemplam diretamente as dinâmicas digitais e o distanciamento físico que caracterizam o ensino contemporâneo, especialmente em cenários de educação a distância. A noção de "zona de desenvolvimento proximal" precisa ser reinterpretada em um contexto em que a interação entre professor e aluno ocorre, muitas vezes, de forma mediada por telas, reduzindo a capacidade de construir vínculos afetivos sólidos.

Bronfenbrenner (1977) contribui com o tema ao discutir os "processos próximos" como descobertas do desenvolvimento, mas suas teorias também enfrentam limitações ao abordar o impacto de

sistemas educativos fragmentados e burocratizados, que dificultam a criação de interações regulares e significativas entre professores e alunos.

Lacunas e Oportunidades para Futuras Pesquisas: Apesar das contribuições significativas dessas teorias, há lacunas que justificam investigações mais aprofundadas. Primeiro, uma literatura existente não explora suficientemente como as tecnologias digitais impactam a construção de vínculos afetivos no ensino superior. A mediação tecnológica pode tanto facilitar interações quanto criar barreiras emocionais, e compreender essa dualidade é essencial para adaptar as práticas pedagógicas às realidades contemporâneas.

Além disso, embora a afetividade seja amplamente reconhecida como um fator positivo, poucos estudos analisam como contextos de vulnerabilidade socioeconômica e cultural podem alterar essa dinâmica. Por exemplo, até que ponto as práticas afetivas compensam as desigualdades estruturais enfrentadas pelos estudantes em situação de exclusão? Existe um limite para o impacto da afetividade quando outros fatores, como a falta de recursos, materiais e apoio institucional, permanecem negligenciados?

Outra lacuna refere-se ao papel do professor. Embora a literatura enfatize a importância do vínculo afetivo, há poucos estudos que abordam as dificuldades práticas que os docentes enfrentam para construir essas relações, especialmente em contextos de turmas numerosos, sobrecarga de trabalho e falta de formação continuada.

Com base nessas reflexões, propõe-se que futuras pesquisas se concentrem em:

Afetividade em Ambientes Digitais: Investigar como a relação professor-aluno pode ser fortalecida em contextos mediados por tecnologias.

Impacto em Grupos Vulneráveis: Analisar como o vínculo afetivo se manifesta e influencia no desempenho de estudantes em situações de vulnerabilidade.

Formação de Professores: Explorar estratégias

de capacitação docente que enfatizem a construção de relações afetivas, mesmo diante de limitações estruturais.

Medição Empírica da Afetividade: Desenvolver instrumentos robustos para avaliar o impacto real do vínculo afetivo no engajamento e no desempenho acadêmico.

Os resultados deste estudo reforçam que o vínculo afetivo é um elemento central no ensino superior, atuando como suporte para motivação, resiliência e adaptação acadêmica. Entretanto, as teorias clássicas, embora úteis, precisam ser complementadas por novas abordagens que consideram as especificidades do ensino no século XXI. A construção de um ambiente educacional que valorize a dimensão afetiva depende de práticas pedagógicas conscientes, e de uma reflexão crítica sobre as condições institucionais e estruturais que influenciam a interação professor-aluno.

XI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou responder como a afetividade no processo de ensino-aprendizagem influencia o desempenho acadêmico no ensino superior. Os resultados mostram que o vínculo afetivo entre professor e aluno tem sim um aspecto emocional, mas também se relaciona ao engajamento, à motivação e à capacidade de adaptação do estudante, o que resulta em melhor desempenho e maior resiliência frente aos desafios acadêmicos.

A afetividade não é uma adição opcional à prática pedagógica; ela é estruturante. Um ambiente educacional que valoriza o vínculo afetivo proporciona segurança emocional, estimula a participação ativa e favorece a construção de competências críticas e autônomas. Esse vínculo também contribui para reduzir a evasão, criando um senso de pertencimento e valorização do aluno no contexto acadêmico.

No ensino superior, onde a diversidade de perfis e vulnerabilidades é crescente, incorporar a afetividade como eixo estratégico é uma forma de

tornar a prática educacional mais inclusiva, eficiente e humana. Professores que se posicionam como mediadores atentos às necessidades emocionais dos alunos ampliam o impacto da educação, promovendo o desenvolvimento acadêmico e pessoal de maneira integrada.

As medidas reforçam a necessidade de práticas pedagógicas planejadas que priorizem o vínculo afetivo como elemento central. Recomenda-se que uma formação docente inclua capacitações voltadas à construção de relações afetivas no ambiente universitário, considerando as demandas contemporâneas e as dinâmicas tecnológicas que podem ampliar ou restringir essas conexões. Assim, a afetividade se consolida como uma estratégia diferencial para transformar o ensino superior em um espaço de desenvolvimento pleno e significativo.

XII. REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da educação e da pedagogia: Geral e Brasil . 3.ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- BARBOSA, ES Afetividade no processo de aprendizagem. Revista Educação Pública , v. 22–35, 2024. Acesso em: 10 nov. 2024.
- BRAZÃO, JCC A implicação do afeto na psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva contemporânea. Psicologia: Ciência e Profissão , v. 342–358, jun. 2015.
- BRONZATTO, M.; CAMARGO, RL Moral e afetividade em Piaget: os “movimentos íntimos da consciência” em O juízo moral na criança . Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas , v. 5, 31 dez. 1969.
- CANFORA, Luciano. Educação e ensino na Roma Antiga . Tradução de Maria Oliveira. São Paulo: Editora XYZ, 2010.
- CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. Política Nacional de Assistência Social . Disponível em : https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf . Acesso em: 03 nov. 2024.
- COSO, E. Representações sociais de professores e alunos do ensino superior sobre relação professor e aluno. Tese de doutorado, Centro Universitário Fieo, 2017.
- DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. de. Psicologia na educação . 3.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- DINIZ, E.; KOLLER, SH O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. Educar em Revista , n. 36, pág. 65–76, 2010.
- FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. V Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades federais. Disponível em: <http://www.fonaprace.andifes.org.br/site/?s=pesquisa+nacional+de+perfil> . Acesso em: 03 nov. 2024.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa . 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GATTI, Bernardete Angelina. Formação de professores no Brasil: características e problemas. Educação & Sociedade , Campinas, v. 1355-1379, 2010.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Censo da Educação Superior 2023 . Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/search?origem=form&SearchableText=censo%20de%20educa%C3%A7%C3%A3o%20ensino%20superior> . Acesso em: 02 nov. 2024.
- LEFRANÇOIS, G. Teorias da aprendizagem: o que o professor disse . São Paulo: Cengage Learning, 2019.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática . 3.ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- MARQUES, Felipe T. A volta aos estudos dos alunos evadidos do ensino superior brasileiro. Cadernos de Pesquisa , São Paulo, v. 50, n. 178, pág. 1061-1077, out./dez. 2020.
- MASSA, M.; D'ÁVILA, C. Concepções docentes sobre mediação afetiva no ensino superior. In: CIDU – Congresso Ibero-Americano de Docência Universitária, Porto Alegre. Anais do X CIDU . Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.
- MATTA, CMBD; LEBRÃO, SMG; HELENO, MGV Adaptação, rendimento, evasão e vivências acadêmicas no ensino superior: revisão da literatura. Psicologia Escolar e Educacional , v. 45–58, 2019.

PINTO, José MR O acesso à educação superior no Brasil. Revista Educação & Sociedade , Campinas, v. 88, pág. 727-756, especial, fora. 2021.